

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 10 DE ABRIL DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 67.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

## SUMMARIO

Expediente.....	L. DE MENDONÇA.
Correio litterario.....	A. VIEIRA.
Poemas femininas.....	A. PALHETA.
Emygdio Mouteiro.....	E. R. E. A. A.
Bellas Artes.....	ARARIPE JUNIOR.
Gazetilha litteraria.....	SAINT BEUVE.
«O Gaboto» e «O drama	P. TALMA.
Novo».....	A. PARAISO.
Enfermidades estylicas.....	M. RAMALHO.
Paginas esquecidas («O so-	I. DO SOUTO.
neto»).....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	BARÃO RÉCLAME.
Morto, poesia.....	
Amor.....	
Saudade, soneto.....	
Sport.....	
O Euterio.....	
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

## EXPEDIENTE

### GERENTE

G. CABRAL

### SECRETARIO

ARTHUR MENDES

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

A redacção, gerencia e officina d'A SEMANA mudaram-se para a rua do Carmo n. 36.

Assumo a gerencia d'esta folha o Sr. Guilherme Cabral, passando a occupar-se exclusivamente da redacção o nosso companheiro Filinto d'Almeida.

A exemplo do que fizemos no anno passado, abrimos de abril a dezembro, uma assignatura de nove mezes pelo preço de 6\$000, dando nós a esses assignantes os mesmos premios a que têm direito os assignantes de anno, com excepção do livro *Vinte Contos*, que é exclusivamente para estes, que deverão recebê-lo por todo o mez de abril.

Sr. J. S. P.—Itatiba. Seu debito começou no 1.º de Outubro de 1885. O Sr. Dolivaes Nunes, em S. Paulo, ou o nosso agente Leonel Guerra estão autorisados a receber taes importancias.

Sr. A. C. S.—Leopoldina. Tem razão. Está quite até 31 de Dezembro do corrente anno, pelo recibo n. 3548.

## CORREIO LITTERARIO

«MARGARIDA NOBRE», ROMANCE POR DANTAS BARRETO; 276 PÁGS; PORTO-ALEGRE; 1886.

Livro ruim, mal concebido e mal escripto; não tem grammatica, não tem logica, não tem naturalidade, não tem imaginação, sequer,— não tem nada que preste.

O Sr. Dantas Barreto escreve phrases como estas: «havia passado tres annos», «era tão agradável as conversas», «a mãesinha só tivera ella, que representava a alegria, a animação do casal», «não me mandes a justiça em casa». Creio que basta para dar idea da sua correcção grammatical.

Os caracteres dos seus personagens não têm coherencia.

Margarida Nobre, a protagonista, é uma rapariga honesta que casa sem grande inclinação para o noivo, é certo, mas que depois adúltera como quem nunca tivesse feito outra coisa; e quando o amante a abandona, para ir ser esposo de outra, resiste ao ciúme, á necessidade de vingança, aos appetites accosos do seu temperamento de nymphomaniaca,— heroismo inesperado em creatura tão perdida, que levava a desfaçatez ao ponto de ir sósinha ao quarto do amante, um quarto de hospedaria, e ficar uma tarde á sua porta, num corredor que servia a muitos quartos de estudantes, ouvindo a pô firme as facécias e os convites dos rapazes.

A perdição de Margarida não tem nem sombra de naturalidade. Octavio Feuillet diz, no *Monsieur de Camors*, que a queda das mulheres honestas é rápida; mas esta Margarida nem se pôde dizer que tivesse cahido; o que ella fez, foi atirar-se. D'entre os dois, foi ella quem verdadeiramente seduziu o amante. Da primeira vez que o pobre rapaz lhe vae á casa, ella já o recebe no alto da escada, «com as mãos enlaçadas na altura do ventre»; depois, na sala, sem mais nem menos, entra a «sentir uns arrepios nervosos, tremem-lhe as carnes, estranha-se», «nunca soffrera d'aquillo!», «não se pôde conter, estremece, dilatando o olhar, mordendo o labio inferior». O outro, o honesto don Juan, resiste-lhe como um José do Egypto; queixa-se até, ameaça-a, emprega todos os meios de a conter num procedimento mais decente, diz-lhe: «que a sua presença produzia-lhe essa excitação (pag. 77) incommoda... Estava arrependido de ter ido: retirava-se para nunca mais voltar...» E' preciso que ella lhe dê garantias de o não agarrar aos beijos: «— Já não tenho cisa alguma, podes ficar tranquillo» (pag. 78). É a uma declaração d'amor muito piegas e muito tola que o mau sujeito lhe recita, a timida senhora responde-lhe «que sim, que guardaria o cantinho que o outro lhe pedia; mas que elle não se alterasse tanto, não era preciso...» (pag. 89).

Não era preciso, de certo; nem era preciso que lhe pedisse cantinho algum.

Outro typo muito mal conduzido é o d'esse conquistador conquistado. E' rapaz de grande intelligencia e d'altos sentimentos, tão pundonoroso que, quando resolve cortar a carreira academica, recusa a mezada que o pae lhe fornecia.— E depois vae viver á custa da amante, em casa sustentada por ella.

Outro bem digno de figurar com esses é o marido de Margarida; ama-a com tanta abnegação que ainda a aceita quando sabe que está num leito do hospital da Misericordia, depois de regeitada pelo amante e de enterrado o filho que d'este houvera; e, entretanto, quando, ao voltar do Ceará, encontra vazio o lar domestico, lá deixa na Côte a mulher nos braços do outro e vae-se pacatamente para o sul, nomeado comandante d'um navio. E' certo que pensou em procura-la: «entretanto sentia que era preciso vê-la, fixa-la bem. Vingarse-ia com isso; não lhe faria mal nenhum. Mas onde encontrá-la? onde?» Sim, onde? diga-me o leitor; depois, entre a necessidade de «ver-a, fixa-la bem» e a conveniencia de aceitar o commando de um navio, um espirito sensato não hesita muito tempo; o homem não hesitou e foi-se embora.

Como fôrma, o livro tem coisas d'este quilate: «movendo-se com gestos de quem espera», «com os dedos entrelaçados entre si, estirava os braços quasi horizontalmente».

Amostras do seu talento descriptivo: «Os gallos batiam as azas implumadas com abundancia, cantavam de espaço a espaço; as gallinhas e os frangos piavam nos poleiros (esqueceu-se dos pintos!)».— «E suspirando, com o cotovelo do braço direito sobre o braço da poltrona, apoiando a cabeça inclinada nas costas da mão direita...»

Aprel um desgraçado que se vê nestes apuros para descrever uma attitude tão commum, tão vista e tão singela, deve, sem mais reflexão, eximir o seu pobre cerebro aos tormentos da linguagem escripta!

Este mau livro tem, além de todas as suas infelicidades, a pretensão atrevida de ser realista, e cahe na pornographia nua e reles das lithographias que andam pelas paredes de certas casas ou debaixo dos travesseiros dos collegias viciosos e dos velhos gaiteiros.

As paginas 141 e 151 deixam prevér o proximo destino d'este romance pifio: ir, muito brevemente, para o rol das leituras para homens, nos annuncios dos modestos livreiros que o Sr. Dantas Barreto designa pelo seu nome chulo, que elle escreve com todas as letras da palavra composta, á pagina 46 do livro, na fresca sem—ceremonia com que trata os leitores.

*Margarida Nobre* pôde ainda ter algum successo de livraria— na rua da Urugayana ou de S. José, entre caixeirinhos de treze annos.

Valença, 30 de março.

LUCIO DE MENDONÇA.

## PALESTRAS FEMININAS

Acertando a honra que me faz a illustrada redacção d'A *Semana*, convidando-me para tratar, em uma secção especial, de assumptos que interessem directamente ás senhoras, principio hoje, rogando a todas as minhas gentis leitoras benevolente indulto para as innumeradas faltas em que, com certeza, incorreí.

O pedido que me foi feito pelos amáveis redactores da nossa mais florescente folha litteraria, trouxe-me á memoria, — não digo bem: não poderia nunca esquecel-os — avivou-me o desejo de satisfazer os rogos de umas encantadoras e bem queridas amigas, residentes n'uma capital de provincia, onde são rainhas pelo espirito, belleza, graça e bondade. Pediram-me ellas instantemente que as fizesse eu estar sempre em dia com tudo que as pudesse interessar: modas, litteratura, *soirées*, anedotas, hygiene e educação infantil, receitas culinarias etc., etc. A minha indolencia habitual, já agora incorrigivel, fez-me addiar o prazer que teria em obedecer-lhes, até que se me apresenta agora occasião de, sem esforço, suavemente, dirigir-lhes por intermedio d'A *Semana*, de que são assignantes, as informações que desejam.

Laura, Julieta e Luizinha. — Estou a vê-las ao receberem o n. 67 d'A *Semana*. Julieta, a loira e scismadora Julieta, é a leitora; Luizinha, a mais formosa morena que conheço, fixa os olhos negros e brilhantes, nos labios da irmã, para adivinhar-lhe as palavras antes de pronunciadas. Laura, n'uma cadeira de balanço, tendo no collo o seu gentil bebê, escuta indolentemente, seguindo com a vista a pequenina *Lili* que brinca sobre o tapete. Essa, apezar dos seus floridos 25 annos e da sua belleza de estatua grega, é toda amor materno, e sorri apenas aos gritos de entusiasmo da travessa Luizinha. Contentarei a todas, falando a cada uma do que mais a interessar, sem esquecer *Lili* e *bebê* e a boa tia Helena, a cuidadosa e magica *menagère*, que sabe prender-nos á mesa um tempo infinito, sentindo-nos tão bem, que nos parece terem tido razão os antigos gregos e romanos que faziam das horas das refeições as mais felizes e proveitosas da vida. Esquecer a tia Helena! Eu! Quem sabe como ella agrupar as flores nas cantoneiras, dispor com mais arte as fructas nas fruteiras de crystal, dar formas caprichosas aos alvissimos guardanapos, imaginar doces mais exquisitos e saborosos, iguarias mais raras e appetitosas! Ao vê-la, — com o seu avental branco enfeitado com rendas, o vestido escuro e redondo, o passo miudo e ligeiro, as mãos sempre occupadas, mas brancas e diaphanas, e aquelle sorriso bom e satisfeito; sempre a lidar, leve como uma borboleta, e sem manifestar o menor cansaço, — temos tentações de prendel-a nos braços e beijar-lhe respeitosa e a fronte clara e pura, emmoldurada pelos magnificos cabellos castanhos, onde começam a apparecer brilhantes fios de prata.

Porque não casaria a tia Helena? Onde se encontraria mais sollicita dona de casa, mais doce esposa e dedicada mãe? Não sei. Passam os homens, vão pela felicidade sem darem por ella, e vão buscar longe, através de perigos e dores cruciantes, martyrios e desillusões.

E' assim a vida.

Quanta violeta perfumosa pisamos inconscientes na estrada, para ferir-mos as mãos ao colher a flor do espinheiro que, se a alcançamos, se desfolha!

Um dia, entrei de manso; eram 6 horas da manhã, uma manhã radiosa de Abril! Fazia 14 annos Luizinha, a rainha das morenas, e eu queria surprehendel-a ao acordar... quem eu surpreendi foi a tia Helena que, imóvel, absorta deante do berço de *Lili*, deixava correr livres e silenciosas, as lagrimas da sua mocidade perdida.

Chorava (quem sabe?), a santinha, as alegrias de esposa e mãe que lhe tinham sido negadas. Sahi cautelosa, sem que ella me visse, e horas depois, ao almoço, eu via nos seus olhos mais luz e alegria do que no sol de Abril que nos inundava, entrando pelas largas janellas do jardim, e nas canções e zumbidos de mil avesinhas e insetos que libavam o mel da madre-silva em flor. E' que aquella alma privilegiada vive da vida das sobrinhas, ri ou chora com ellas, e as tres formosas estavam alegres, alegres!...

Foi longa a apresentação, curto tem de ser, pois, o cumprimento de uma das partes do meu programma. Falemos ligeiramento de modas; sim? Terminarei descrevendo para Julieta e todas as loiras formosuras que me lerem, um vestido para assistir a jantares ou visitas. Vestido de cachemire azul turqueza, saia redonda, segunda saia do mesmo comprimento, armada em pregas de 22 cent. de largura, guarnecida com uma larga barra de pellucia da mesma cor. O corpo quasi sem abas, e estas forradas com uma tira de pellucia; é franzido adeante e aberto, completado por um amplo collarinho á maruja. Cinge a cintura, por baixo da aba do corpinho, uma fita de velludo n. 12, ou um cordão grosso da mesma cor, que vae dar um laço ou nó sobre a saia, do lado esquerdo; querendo-se, póde a segunda saia ser suspensa d'esse lado pelo laço ou nó, fazendo um graciosissimo regaço.

Para Luizinha e todas as tentadoras morenas, esta *toilette* deverá ser branca, com pellucia cor de rosa pallida, ou toda cor de rosa. Nos cabellos fitas das cores das *toilettes*.

Para Laura, como para todas as jovens mães, não aconselho o cabeção á maruja, e como tirando-o perde este modelo muito da sua graça, descreverei outro não menos distincto e elegante: Vestido de cachemire crême. Na saia um estreito *plissé*, tunica á franceza, quasi do comprimento da saia, tendo o panno de traz muito farto em pregas fundas; dos lados da tunica grandes reversos de pellucia um pouco mais escura que a cachemire, presos atraz, sobre o puff, por grande laço de fita; a frente da tunica tem em baixo uma barra de pellucia de 20 cents. de largura. Enfeitando o collarinho afogado e mangas justas, um vize de pellucia e contas baças, da cor do enfeito. Essas mesmas contas servirão de abotoadura.

Para *soirée*, saia á camponeza, de setim branco, levemente arregaçada dos lados, corpo de setim igual, decotado, atacado na frente com cordões, sobre uma camisinha de *surah* franzida, um pouco aberta no pescoço e cercada por uma renda franzida artisticamente, mangas até ao cotovello, de setim igual ao do corpo. No lado esquerdo do peito e nos cabellos uns ramos de *paquerettes*. (Margaritas sylvestres).

Outro: — Vestido de setim preto. A saia coberta de arregaços em *paniers* de renda hespanhola, bordada a contas lapidadas, pretas. Corpo aberto a fio direito, de alto a baixo, na frente, orlado de um lado e outro com as mesmas contas lapidadas, camisinha enchendo o espaço da abertura do corpo de renda franzida, presa no meio do peito e na

cintura por presilhas de fita, terminando em roseta sobre o lado esquerdo. Diadema de ouro nos cabellos.

Estou certa que com qualquer d'estas *toilettes* ficareis encantadoras e irresistiveis, e que concorro para accender chaminas devoradoras e quem sabe, se mortaes?!

Um conselho aos inflammaveis: Não olhem para nenhuma das leitoras d'A *Semana*, pelo menos sem olhos escuros, depois que ellas tiverem posto em pratica os conselhos que lhes dei; senão...

Como esta secção é destinada ás senhoras, tenho plena certeza que não haverá augmento no consummo de olhos escuros, porque não creio que haja leitora tão corajosa que se anime a fazer lér á sempre crescente cohorte dos seus admiradores o conselho acima.

D'essas piedosas e gentis leitoras e das minhas amigas Laura, Julieta, Luizinha e tia Helena, despeço-me eu, saudosa, até sabbado que vem.

ADELINA A. L. VIEIRA.

## EMYGDIO MONTEIRO

Este nosso estimado e distincto correspondente em Lisboa não tem continuado a nos enviar as suas magnificas correspondencias sobre arte e litteratura por haver sido obrigado, por morte de sua mãe, a sahir de Lisboa e a occupar-se com a administração da casa e direcção do inventario. Felizmente, segundo communicou ao director d'esta folha, em breve começará a nos remetter artigos de uma serie que projecta fazer sobre os mais notaveis livros portuguezes recentemente publicados — *Velhice do Padre Eterno*, *A Hollanda* e outros, e um estudo sobre a exposição do *Grupo do Leão* d'este anno, á semelhança do que fez nestas paginas sobre a exposição do mesmo grupo no anno passado.

Promette-nos, além d'isso, excerptos de trabalhos ineditos, em prosa e verso, da mocidade litteraria de Portugal.

Esta promessa já a começou elle a cumprir, enviando-nos uma poesia de João de Deus, escripta expressamente para A *Semana*, e que publicamos em o n. 65.

Creemos que os nossos leitores folgarão muito com a noticia, que lhes damos, de que vão recommençar n'A *Semana* as correspondencias do illustre critico Emygdio Monteiro.

## BELLAS ARTES

SALÃO VIEITAS

Retrato do Exm. Sr. ... por Décio Villares.

Ao fundo carmim e vermelho, depois uma figura, em busto, vestida de preto, o pescoço nú, serpenteado por um fio de perolas, provavelmente de Ceylão; olhos e cabellos negros, e rosto unctado de *cold-cream* e pó de arroz Grunder.

Décio é teimoso! Ninguém o convince de que a pintura decorativa tem a sua applicação especial, e que elle está enveredado em mau caminho. Que fazer? Está no seu sangue aquelle sentimento votado aos amores idyllicos, ás flores vaporosas. *Mais ça fait toujours plaisir aux dames*, dizia Prudhomme.

Pois bem; por amor ás damas seja sempre assucarado e vaporoso, e se quizer fazer da sua pessoa os objectos queridos de seus quadros, tome, duas vezes por dia, chá de petalas de violeta, nutra-se de nenuphars em calda, e suba ás nuvens duas vezes por semana. E' remedio infallivel..

Ah! ainda mais: leia o extase de Santa Thereza de Jesus.

Belmiro expõe um estudo—uma rapariga parisiense, vestida de azul marinho, chapéo de palha de grandes abas: colhe flores no campo.

Dizem os especialistas de molestias pulmonares que o ar do campo é salutar para os pthísicos; esqueceram-se os sabios de nos dizer se os aleijados obtêm curativo miraculoso em pleno campo, aspirando a fragancia dos prados.

A parisiense, de Belmiro, é aleijada dos braços, defeito que, de fôrma alguma, a impede de ser uma parisiense.

Tyrteo era côxo, e por isso não deixava de ser grego.

Eu prefiro a este estudo um quadrinho seu, em que um menino cabeçudo e em mangas de camisa, pausa para ser retratado. Sim, senhor; é bem *d'après-nature!*

#### Oú est Baron?!

O Vieitas metteu tanta cousa no salão que a gente não sabe onde ha de pisar. Columnas, banquetas, armações, biombo, estatuetas, molduras, tapetes, vasos, panoplias... por todos os lados, em toda parte.

E dizem que no meio d'essa multidão de productos industriaes e de objectos d'arte, está um Baron, original. Baron não é qualquer cousa como muita gente pôde julgar. E' um artista consciencioso, da nova geração franceza, que tem conquistado, com os seus quadros, uma reputação bellissima.

O original que se acha no salão Vieitas, atirado a um canto, entre oleographias e insignificantes gravuras, merecia alguma consideração, porque, realmente, é um *quadro*.

Desenho, colorido e estylo alli estão demonstrando um artista de merito, que será collocado entre os melhores do seu tempo e da sua escola.

#### GLACE ELEGANTE

Dois retratos a oleo por Oscar Pereira da Silva— Eu lhe aconselho todo o cuidado com os seus trabalhos. Procure, já que é artista, amar a sua arte, e fazer sympathico o seu nome. Quando tiver trabalhos do valor d'esses que ahi estiveram expostos, guarde-os na sua officina, em um canto em que não possam ser vistos por suas visitas.

As imprudencias teem feito muito mal a solidas reputações artisticas, e, por consequencia, imagine quanto damno não causarão áquelles que apenas principiam a fazer um pequenino nome.

ALFREDO PALHETA

## GAZETILHA LITTERARIA

De Monteiro Ramalho, o elegante escriptor portuguez, collaborador d'esta folha e correspondente da *Gazeta de Noticias*, recebemos as *Historias da montanha*, cuja publicação annunciámos em tempo,

E' um livro de 254 paginas, nitidamente impresso em excellente papel, editado pelos Sr. Lugan e Genelioux, successores de Ernesto Chardron. Contem 34 *historias*—pois que assim chama o auctor aos seus bellos contos— das quaes a primeira, *Em wagon*, foi publicada nesta folha.

Monteiro Ramalho é um estylista. Trabalha a sua escripta com o cuidado e o amor de um verdadeiro artista.

Proximamente se occupará o director d' *A Semana* com as *Historias da montanha* em artigo especial e desenvolvido. Por hoje apenas recommendamos a sua leitura, transcrevendo em outro lugar uma das suas mais encantadoas peças—*Amor*.

A *Empreza Litteraria Fluminense*, de que é director o ex-jornalista portuguez Silva Lobo, concluiu a publicação d' *Os Miseraveis*, de Victor Hugo, bem traduzidos e bem impressos, publicação feita em 33 fasciculos. Foi uma excelente idea e d'esta reedição do assombroso romance do immortal genio francez.

Da traducção que havia, aliás excelente, feita no Maranhão ha muitos annos, mui poucos exemplares podem se encontrar. Fazia-se pois necessaria uma reedição d'essa obra. Fel-a a *Empreza litteraria* e da maneira a mais brilhante.

Continuando na sua faina edictora principiou agora a publicar, tambem em fasciculos, *Nossa Senhora de Paris*, o mais famoso romance de V. Hugo, depois d' *Os Miseraveis*.

Recommendamos aos nossos leitores estas publicações como as anteriormente feitas pela *Empreza Litteraria*.

Outras publicações muito recommendaveis:

*Os heróes do trabalho*, grande obra de Gastão Tissandier, vertida livremente e consideravelmente augmentada pelo escriptor portuguez Ricardo Jorge, acompanhada de muitas e boas gravuras. E' edictada pelos Srs. Alcino Aranha & C., do Porto; As *Memorias de Judas* por Petruccelli Della Gattina, edictora a casa Laemmert; e o *Gil Braz de Santilhana*...

Não... Esta já não precisa de recommendações.

Já está publicado o 4º numero dos «Serões de S. Miguel de Seide», do assombroso Camillo Castello Branco. Summario: «A Fidalguinha» (poesia), Carta aos «Serões de S. Miguel de Seide», Questões de vida e morte (III) e Visita a um azilo de criminosos alienados» Têm tido immensa procura os *Volcões de lama*, do mesmo auctor. A *Semana* espéra poder occupar-se proximamente com as admiraveis recentes produções do glorioso prosador portuguez.

## O Caboclo e o Drama Novo

A respeito do nosso drama *O Caboclo*, dedicado ao eminente artista Vasques, entende o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Noticias*, a *Gazeta da Tarde* e a *Evolução* que essa peça é inspirada no *Drama Novo*, de D. Manoel Tamayo, cujo pseudonymo é Joaquim Estebanez.

Os dois primeiros d'esses jornaes, aos quaes agradecemos reconhecidos as generosas e animadoras frases que nos dedicam, uzam, todavia, para sustentar semelhante affirmação, de palavras mais

ou menos delicadas e que em nada podem offender a nossa susceptibilidade de auctores; ao passo que os outros dous, esquecendo por um momento a sua reconhecida e habitual gentileza, servem-se das seguintes expressões em referencia ao nosso trabalho:

«O drama, diz a *Gazeta da Tarde*, tirou o seu entravamento de um outro hespanhol—*O Drama Novo*...»

«O drama é conduzido do mesmo modo que o de Estebanez.»

«A adaptção ao nosso meio foi boa.»

«Mas, nem por ser *calcado* sobre o outro...»

A *Evolução* vae mais longe e diz que o *Caboclo* é uma *imitação*, é uma *reprodução*, uma *parodia* e, emfim, que é *perfeitamente equal* ao *Drama Novo*.

Em resposta a tudo isto não oppomos por ora uma palavra, oppomos factos: o applaudido artista Dias Braga, a cujo cargo está a empreza do *Recreio Dramatico*, encarregou-se, a nosso pedido, de representar no seu theatro, o mais breve que lhe fôr possivel, o bello *Drama Novo* de Tamayo.

Será o publico quem decidirá, pelo seu proprio julgamento, se o *Caboclo* é *calcado* ou é *parodiado* d'aquella famosa peça hespanhola.

Ah! mas depois do confronto, quando estiver provado que o *Caboclo* não é o que dizem aquelles criticos, e sim uma obra original, como affirmamos; então, tenham SS. SS. paciencia, mas nós, usando dos nossos direitos, passaremos a criticar por nossa vez o que S. S. SS. avancaram a respeito do *Caboclo*, e procuraremos pôr a descoberto os mysteriosos phenomenos que determinaram tão estranha maneira de ver e de julgar um trabalho litterario.

E' preciso notar que nós, longe de nos revoltarmos contra a critica, aceitamos de braços abertos, desde que ella seja desapaixonada e justa, e tanto assim que só temos palavras de agradecimento para os outros jornaes que tractaram do nosso drama.

Igual dever nos assiste de enviarmos d'estas columnas um abraço ao Vasques, pedindo-lhe que o transmita aos seus companheiros de arte, que tomaram parte no *Caboclo*.

EMILIO ROUEDE.

ALUIZIO AZEVEDO.

## ENFERMIDADES ESTYLISTICAS

DA

### NOVA GERACÃO (1)

SUMMARIO — Os despojos de V. Hugo — Antropomorphismo litterario; hypertrophia da metaphora; perluxidade epithetica; excessos na amplificação; desproporção na antithese.— Desequilibrio psychico entre a fôrma e o pensamento; esbatimento exagerado na descripção; phrase causativa. Defeitos de metrica na linguagem. — Causas — Zola e Richepin. — Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.— Seus representantes no Brazil.

(Continuação)

Sem ter-me deixado entrar no amago das minhas ideias, um distincto critico d' *O Paiz* interrompeu-me, achando contestaveis as proposições por mim emitidas relativamente a V. Hugo.

Em primeiro lugar, não pretendi combater a *hugolatria*; apreciei-a como um facto consummado, que teve sua razão de ser, em seu tempo. Em segundo, não confundi o temperamento do poeta da *Legenda dos seculos* com os de Lecomte, Baudelaire, Coppée e outros. Com effeito, cada um d'esses individuos tem seu character accentuado. Não

tomei o ponto de vista dos temperamentos; tomei sim o da *influencia educacional* ou de escola; coisa muito diversa. E todo o mundo sabe que os caracteres mais oppostos podem pelas circumstancias commungar á mesma mes.a. O que succede é que muitas vezes uma natureza visivelmente realista vê-se pela força do tempo a adoptar canones idealistas e vice versa.

Zola, por exemplo, aproxima-se mais de V. Hugo do que quem mais o possa ser. Entretanto os seus processos são inteiramente oppostos ao mestre.

Quando me referi a V. Hugo condensei nelle toda a ultima phase do Romantismo. Sobre o que não resta duvida é que por isso mesmo foi que esse poeta exerceu uma obsedação que ainda hoje actua no mundo; até num «poeta livre» de Inglaterra, o grande Swinburne.

Dirigi a minha attenção para aquillo que mais facilmente cae sob o dominio da observação commum—os effeitos de educação litteraria.

Eis tudo.

Continuando:

Dizia eu que ha quem pense que as épocas de decadencia são mais fertéis do que qualquer outra em engenhos. Não é sem fundamento que assim pensam certos criticos. Bourget, por exemplo, é de opinião que «os cidadãos de uma decadencia são inferiores como operarios da grandeza do paiz, mas é incontestavel a sua superioridade como artistas do interior de sua alma.»

«Pela palavra—decadencia, accrescenta elle, designa-se de ordinario o estado de uma cidade que produz um grande numero de individuos incapazes de trabalhos attinentes á vida commum.»

Para chegar a essa conclusão Bourget parte da theoria que considera a sociedade como um organismo, resolvendo-se em uma felerção de organismos menores, que por sua vez resolvem-se em uma felerção de cellulas.

«O individuo, continúa o mesmo, é a cellula social. Para que o organismo total funcione com energia, é necessario que os organismos componentes funcionem tambem com energia, mas subordinada; e para que estes organismos menores funcionem com energia, é necessario que as cellulas componentes do mesmo funcionem mas com energia subordinada. Se a energia das cellulas liberta-se, os organismos que compõem o organismo total cessam parallelamente de subordinar sua energia á energia total, e a anarchia que se estabelece constitue a decadencia do conjuncto. O organismo social não escapa a esta lei, e elle entra em decadencia immediatamente que a vida individual se exaggerou sob a influencia do bem estar adquirido e da hereditariedade. Uma lei igual governa o desenvolvimento e a decadencia d'este outro organismo que se chama linguagem. Um estylo de decadencia é aquelle em que a unidade do livro se decompõe para deixar logar á independencia da pagina, em que a pagina se decompõe para deixar espaço á independencia da phrase, e a phrase á independencia da palavra.»

O conceito é mais que verdadeiro, e resulta do proprio methodo dos mestres da critica contemporanea.

Se, por exemplo, manusearmos os 2º e 3º volumes da *Historia da Litteratura Romana* de S. Teuffel, veremos como e porque a decadencia que se seguiu ao imperio foi mais propicia do que o proprio seculo de Augusto ao appare-

cimento de homens como Tacito, Juvenal, Lucrecio, porventura as organizações litterarias mais energicas que nos apresenta a antiguidade, sem excepção mesmo da Grecia.

O phenomeno mais curioso que ha a observar nesses periodos é o desenvolvimento da litteratura *poissarde*, ao lado dos productos verdadeiramente geniaes, e a difficuldade que o vulgo encontra em, dadas certas circumstancias, distinguir o falso do verdadeiro.

Nestas condições, a litteratura que se tornou classica divide-se em formas divergentes, do mesmo modo que as linguas, cujo desenvolvimento as acompanha. Vem-se então tres especies de auctores que se cruzam em suas pretensões diversas e formam uma dissonancia ás vezes horrivel:—o erudito rhetorico, que mantem os canones intactos; os independentes, que tem força para agitar-se nesse meio dissoluto, sem perderem a inspiração, nem as verdadeiras tradições; finalmente os indisciplinados, que, fora de qualquer regime, mas destituídos de orientação, atiram-se com sua mediocridade atraz de um jargão sem nome, immodesto e detestavel. As obras d'estes ultimos pullulam e afogam o seculo.

Quando tomei V. Hugo como ponto de partida para a apreciação da nova phase litteraria do occidente foi justamente convencido de que nenhum poeta mais do que elle, em seu tempo, teve qualidades e viveu em condições para exercer em tamanho grau uma absorção capital. De 1830 para cá, pois, o auctor dos *Chatiments* é todo o Romantismo, até mesmo com suas evoluções parciais.

A grande orchestra litteraria foi regida por esse mestre dos mestres. Nunca conseguiram arrancar-lhe a batura da mão; e se alguns instrumentos novos e dissimulantes se insinuaram sob o seu regime, acaso passaram despercebidos para uns e detestados para outros.

O seu prestigio durou de mais, e até prejudicou a expansão de verdadeiros genios.

Sobra de razão teve, portanto, Zola em consideralo um rochedo posto no meio da estrada a embaraçar as aspirações da nova geração.

E—coisa extranha!—morreu o grande homem e ainda influe! Litterariamente falando, já elle tinha morrido havia muitos annos, desde que começara a escrever a *Arte de ser avô*, e no entretanto o cadaver d'esse velho, como o do Antar da lenda arabe, em pé, encostado ao seu cavallo Abjir, junto á entrada do desfiladeiro, continúa ao longe os beduinos que á traição o haviam ferido, até que a formosa esposa houvesse chegado a salvo á tenda de seus paes.

Hugo, ferido pelas settas envenenadas de Darwin, conserva-se, não obstante, de pé, impedindo que a sua musa, a musa do Romantismo, fosse conspurcada á sua vista.

Aproximam-se agora do desfiladeiro os audazes beduinos. Tomba o esqueleto; mas ainda assim ha um pavor inspirado por este grande morto.

Mas, em summa, em que consistiu a lingua falada por este *divino*?

Definil-a-ei em duas palavras.

V. Hugo pertencia pela raça e pelo temperamento á ordem dos prophetas, isto é: tinha uma natureza capaz de todas as intuições, mas impotente para o mínimo esforço de analyse.

Nunca o auctor da *Legenda dos seculos* conseguiu verificar suas ideias, uem abandonal-as e tornar a chegar a ellas pelos processos da observação. A consequencia necessaria d'isso foi que,

desde o momento em que a sua alma chegou ao maior gráo de intensidade possível, o homem, não achiando a explicação dos phenomenos que se passavam na camara escura do pensamento, tirou uma conclusão!

— Eu sou um inspirado!

E' inutil dizer o que foi este homem na segunda parte de sua vida. Não ha quem não tenha assistido ás suas missas pontificaes.

Essas ceremonias, ou antes—a publicação de suas obras, não consistiam senão na exhibição colossal das cores e das riquezas prismaticas que o seu genio inconscientemente cõlhêra em viagens mentaes diversas, através da Biblia, do Oriente, da Edade Media etc., etc.

Tudo quanto de rico, grandioso, monstruoso e abstruso se encontra nestas provincias do pensamento, seu espirito agglutinou e polarisou, depois de filtrado pela amplificação e pela metaphora.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O SONETO

Ao nosso amavel assignante R. de V. agradecemos a feliz lembrança de nos remetter uma copia do bello soneto em que Sainte-Beuve fez, ha não poucos annos, a apologia do soneto, que Boileau chamava com razão um *longo poema*, quando bem feito. Eil-o:

Ne ris point des sonnets, ó critique moqueur:  
Par amour autrefois en fit le grand Shakspeare;  
C'est sur ce luth heuroux que Peirarque soupire,  
Et que le Tasse aux fers soulage un peu son cœur;  
Camoens de son exil abrève la longueur.  
Car il chante en sonnets l'amour et son empire;  
Dante aime cette fleur de myrte, et la respire,  
Et la mêle au cyprès qui ceint son front vainqueur.  
Spenser, en revenant de l'île des fées,  
Exhale en l'ings sonnets ses tristesses chères;  
Milton chantant les siens rani-tait son regard;  
Moi, je veux rajourir le doux sonnet en France:  
D'ailleurs, le premier, l'apporta de Florence.  
Et l'on en sait plus d'un de notre veu Monsard.

SAINTE-BEUVE

## THEATROS

O CABOCLO

Em beneficio do Vasques deu-se terça feira no Sant'Anna a primeira representação d'*O Caboclo*, drama em 3 actos, original dos Srs. Aluizio Azevedo e Emilio Rouede.

Por já o terem feito as folhas diarias, dispensamo-nos de relatar aqui o entretrecho da nova peça dos festejados auctores dos *Venenos que curam*. Diremos somente do seu merito litterario, que, entretanto, não pôde ser devidamente apreciado numa simples noticia.

O naturalismo no theatro é uma das maiores aspirações da litteratura moderna, aspiração difficilima de realizar

por estar o theatro singularmente preso a convenções e porque as platéas, ávidas de emoções violentas, de floreios de linguagem e de tropos imaginosos e guindados, a que as habituou a litteratura romantica, recusam aceitar como a mais elevada expressão da arte a calva realidade fria da verdade.

Ora como na comedia da vida o drama não é mais que um accidente; quem quizer ser verdadeiro no theatro não pôde fazer quatro ou cinco actos de scenas emocionaes, cheias de transportes e de explosões de paixão. Zola conseguiu muito com *Therexa Raquin*, mas não conseguiu tudo. Das peças modernas, a que, a nosso ver, realiza com maior exactão esta aspiração do naturalismo é a *Frou-Frou* de Meillac e Ilalovy. Perfeitamente; no meio da comedia simples da vida surge inesperadamente o drama, determinado por circunstancias occasionaes e justificado logicamente pelo desenho previo dos caracteres em acção, pela estuda da fatalidade dos temperamentos e pelos vicios da educação. *Frou-Frou* é o modelo mais acabado e mais perfeito d'este genero de peças, embora se diga que os auctores, ao escrever aquelle primor, não tiveram intenções naturalistas. O mesmo aconteceu a Gustavo Flaubert com *Mme. Bovary*.

O *Caboclo* é uma peça sem pretensões. Os auctores, embora apresentassem personagens verdadeiros, não se preocuparam com estudos de caracteres. A preocupação unica é a da crise do drama, e o desenlace final é preparado desde as primeiras scenas; a acção é puramente episodica e não determinada pelo temperamento dos personagens. Ha, porém, em toda a peça um largo sopro de verdade, e nalgumas scenas os auctores revelam as suas excellentes qualidades de observadores; principalmente no primeiro acto, na scena entre o caboclo e Luiza, e, no segundo, entre Luiza e Quiteria, que é realmente primorosa.

O que tambem é muito para notar e louvar é a maneira nova que os auctores descobriram para fazer saber ao marido o adulterio da mulher. Para isso foi aproveitado com muita felicidade, depois de passado pela peneira imitativa de Virgilio Gonçalves Dias, o episodio grego de Stratonicia. A scena é de um effeito imprevisito, inteiramente novo em theatro e bellissimo; esta scena dá ao *Caboclo* um grande valor e revella a um tempo a habilidade dos auctores e o cuidado que empregaram no tractamento do assumpto capital da peça. São egualmente muito bem aproveitadas no terceiro acto as scenas do *Othelo*, postas em acção na realidade, pela identidade da situação do caboclo com a do tragico moiro de Venezia, cujo papel elle tinha de representar nessa noite no theatriinho particular da fabrica do patrão.

As folhas diarias disseram—umas que *O Caboclo* é calcado, outras que é imitado, e ainda outras que é parodiado do *Drama Nuevo* de Estebanez.

Devemos dizer que não conhecemos o *Drama Nuevo*; mas pelo que d'elle sabemos parece-nos poder affirmar que não ha entre as duas peças a menor afinidade. Em todo caso, como a peça hespanhola vae ser brevemente representada no Recreio Dramatico, o publico verá se houve justiça naquelles assertos da imprensa diaria.

O que podemos assegurar sem ambages é que *O Caboclo* é um bello drama, e que ha nelle muita verdade, muito boas situações, e que é um grande passo dado pela nossa litteratura dramatica no anfractuoso terreno do naturalismo no theatro.

Aos applausos que o publico e nos

demos aos auctores na noite da primeira representação, ajunctamos agora as nossas cordiaes e sinceras felicitações pelo seu bonito e valioso trabalho.

Agora o desempenho.

A joven actriz Dolores tem no papel de Luiza talvez o melhor do seu repertorio.

Difficilmente haverá quem faça aquelle papel com mais simplicidade e mais naturalidade; o typo é magnificamente sustentado desde o começo até o final; sendo verdadeiramente notavel a entrada do terceiro acto, antes da conversação rapida com Flavio, enquanto Luiz, occulto atraz dos bastidores, assiste á prova do crime da esposa; é tambem de uma grande felicidade o gesto a um tempo de terror e de supplica, de imploração e de pavor, na scena ultima com Luiz, quando recua até ao estrado em que vae ser estrangulada.

Isabel foi tambem muito feliz no papel de D. Quiteria.

Lisboa fez com distincção e uma apreciavel sobriedade o papel de Virgilio Gonçalves Dias, typo que os auctores cuidaram muito e que sahio verdadeiramente bom.

Mattos e Phebo, tiveram scenas muito boas, e o primeiro sustentou sempre com graça e naturalidade o papel de Domingos Alves.

Mesquita, no papel de Flavio, sempre muito duro e muito secco; é um rapaz bem aproveitavel se conseguir um dia dar mobilidade ao rosto inflexivel e inexpressivo.

Os demais, feitos por Silva, Athaide e André, são muito insignificantes.

Muito propositalmente deixamos o Vasques para o fim d'esta noticia. E' já muito sabido que os ultimos são os primeiros. E bastaria, para fazer o seu elogio, dizer-se que elle, o grande comico, conseguiu emocionar vivamente a platéa numa scena tragica. Resumiremos dizendo que o que nos impressionou peor foi a sua attitude na scena do terceiro acto entre Luiz, Virgilio e os dois *biloutras*, quando o caboclo já depois de vestido tem de ir fazer o *Othelo*; e que o que mais nos agradou foi a primeira scena tragica com Luiza, tambem no terceiro acto, e a scena anterior com Flavio. Vasques revellou neste difficil papel, não o comprometendo, todos os recursos do seu grande talento artistico e todos os conhecimentos da sua arte. Se o caboclo não é um papel perfeito, é todavia notabilissimo, attendendo-se a que Vasques é um actor comico, baixo comico, talhado para os papeis burlescos. Conseguir nessas condições uma esplendida ovação como a que Vasques teve na noite da sua festa, é sem duvida conseguir muito e o extraordinario artista deve estar satisfeito.

Nós apertamos lhe effusivamente a mão.

Abdon Milaez, o inspirado auctor da musica da *Donzella Theodora*, está escrevendo uma marcha para a grande festa que a imprensa vai effectuar em beneficio do Asylo dos meninos desvalidos.

Foi muito boa a ultima ascensão do Capitão Martinez no seu balão *Relampago*. Com elle subio a actriz Anna Leopoldina, que mostron muita intrepidez, e que estava esplendidamente vestida de Mephistopheles.

O Capitão Martinez já está em S. Paulo, onde fará algumas ascensões.

Vamos ter um horror de beneficios.

No dia 12 é no Lucinda, o de Rosa Villiot. O programma está por enquanto em segredo, mas dizem ser maravilhoso e cheio de surpresas.

No dia 15 é, no mesmo theatro, o do grande Peixoto.

E' no dia 16 o do estimado actor Phebo, no Sant'Anna. Representa-se a *Mulher-Homem*, onde Phebo tem um papel muito apreciavel.

No mesmo dia 16 faz tambem beneficio, na Phenix Dramatica, o actor Teixeira, um rapaz de bastante habilidade, que se acha muitissimo doente. Representa-se *Os Milagres de Santo Antonio*, a comedia *O Diabo atraz da porta*, e a Sra. D. Luiza Leonardo canta uma cançõneta comica.

*O Babolin* está annunciado no Lucinda para a semana proxima.

Já chegou a grande companhia coreographica do Ferrari. Deve estrear brevemente.

O José do telhado vae ser hoje substituido no Recreio pela comedia franceza *Ver para crer*.

Deu-se hontem no Sant'Anna a recita dos auctores da *Donzella Theodora*, Arthur Azevedo e Abdon Milanez.

Foi uma bonita festa.

P. TALMA.

## MORTO

Inerte e frio, sem calor, gelado,  
Repousa no meu peito o coração,  
Que tanto soube amar...  
Ha muito que eu o sinto amortalhado  
Num manto d'indifferença, e desde então  
Deixei-me de sonhar.

Mas qual um outro Lazaro, criança,  
Talvez resuscitasse o pobresito  
A uma vida melhor,  
Se a doirar-lhe este leite de granito  
Lhe mandasses um raio só d'esperança,  
Um raio só de auor...

Porto, 1886.

ALBERTINA PARAIZO

## AMOR

(DO NOVO LIVRO « HISTORIAS DA MONTANHA »)

Era a hora em que o ar está penetrado de perfumes embriagantes, e em que pelos caminhos andam nuvens tremulas e diaphanas de microscopicos insectos, dansando na luz amortecida. Perto de sumir-se, gloriosamente, o sol

espallava pelas encostas verdejantes infinitas prodigalidades d'um ouro tenue, e ia ao longe ferir no rio manso e limpido estranhos effeitos de joalheria divina, onde a saphyra, o topazio, e a transparente esmeralda se atropellavam raivosamente, n'uma louca rivalidade de deslumbramentos. No céu iam já surgindo debilmente umas tintas esparsas d'acafrão, e a terra afogueada via bem, sob a pompa flammeante e triumphal do sol, que aquelle era o seu ultimo e delirante espasmo de prazer. Entretanto, a passarada feliz ostentava-se pelo espaço em esvoaçamentos convulsos, o gaio berrava pelos pinheirões silenciosos arrenegadamente, e uma voz distante, fresca e intensa atravez da voluptuosa serenidade das cousas, garganteava a largo folego uma cantiga amorosa.

Esperando pacientemente a sua namorada, sentado sob uma grande carvalheira arredondada e cicante, o Silverio audacioso afagava com delicia a idéa irritante e consoladora de lhe furtar traiçoeiramente um primeiro beijo saboroso.

A immensa fogueira do sol ia-se tornando sanguinolenta, e do rio tinham já desaparecido gradualmente os espelhamentos maravilhosos, enquanto que pelo fundo do estreito valle subia a sombra, ligeiramente brumosa, e um grosseiro cabeça começava a ataviar-se galantemente de vaporosas côres de rosa.

Enfão a Rita, uma bella rapariga de cabellos negros, vivas côres sadias e seio opulento, chegou inesperadamente ao pé da carvalheira; e o Silverio, despertando, ancioso, precipitou-se vorazmente ao encontro d'ella, segurou-a com uma foga brutalidade, apertando-a contra o peito, e pregou-lhe demoradamente o desejado beijo na face rubra de surpresa e de revolta,—ao mesmo tempo que o sol no horisonte, abraçado n'uma concupiscencia, pousava soffregamente os labios de fogo sobre a nuca virginal da montanha.

MONTEIRO RAMALHO.

## SAUDADE

De ti fala-me a brisa suspirosa  
Na ramagem sombria que balança;  
Ouço-te a voz sentida, dolorosa,  
Como no dia da fatal mudança.

Vejo-te a imagem; siga-a—luminosa  
Apparição divina, que me lança  
Entre nuvens purissimas de rosa,  
Phantastica visão de uma esperança.

Tudo de ti me fala: o vento em côro,  
Das ondinas tristissimas o choro,  
Postas á margem tresca da lagóa...

A dor desta saudade me consome.  
Cantam as aves o teu doce nome,  
Teu doce nome aos meus ouvidos sóa.

ISABEL DO SOUTO

## SPORT

Com bastante animação e extraordinaria concurrencia realiso o Derby-Club no domingo passado a primeira corrida d'este anno, apresentando-nos um esplendido programma composto de animaes superiores e novos, tanto nacionaes como estrangeiros, que pela

primeira vez iam mostrar as suas forças.

Alguns pareos que eram importantes e muito duvidosos; não só pelo tiro como pela egualdade das forças dos animaes, perderam um pouco o merecimento, devido exclusivamente á falta sensível de parceiros que nelles se tinham inscripto.

Na verdade, divergimos inteiramente da opinião do nosso collega d'O Paiz que manifestou completa indiferença de não ter influido absolutamente a falta de animaes superiores, como Damietta, Coupon, Nana, Gladiador, Cheapside e Pery, reconhecidos parceiros superiores em tiros especiaes, na realisação e embellesamento do programma que inquestionavelmente soffreu abalos sensíveis com a ausencia d'estes animaes de puro sangue.

Apreciadores de corridas bem disputadas, como somos, não podiamos deixar de sentir a falta de animaes superiores que alterariam indubitavelmente o resultado de muitos pareos.

Eis o solução d'elles:

No 1º pareo (1000 metros) correram Remember, Guacho e Reporter, bonito meio sangue, sahiu facilmente vencedor em 72 segundos, seguido por Guacho. Remember fez triste figura, pareceu-nos ter mancado durante a corrida.

No 2º pareo (1000 metros), dos sete animaes inscriptos apenas correram Phrynéa, Swamp e Charybdes que percorreu facilmente o tiro em 64 segundos, seguida por Swamp. Phrynéa ficou parada.

Havendo, como de costume, grandes reclamações, injustas todas as vezes que se dão factos d'esta ordem, que são naturalmente susceptíveis de acontecer, deliberou o conselho dos juizes reunir-se e julgar nulla a corrida.

Não queremos ter a pretensão de sermos melhores juizes, mas em todo caso, declaramos sinceramente ter sido urca resolução, apezar de bem intencionada, prejudicial para a sociedade, que se verá na necessidade de annullar uma corrida, sempre que um animal favorito ficar na partida, precedente este que trará serias consequencias para o futuro.

Supponhamos o contrario: Phrynéa sahe vencedora. Charybdes fica parada: eis a corrida valida, por não haver tumultos e reclamações do povo e não ser animal favorito. Não habituemos o povo a ser o que, justamente, não pode e não deve ser...

O 3º pareo (1450 metros) foi disputado por Peralta, Catana, Pretoria, Dinorah, Africa e Guanaco que venceu em 104 segundos sem grande difficuldade. Chegou em 2º logar Africa. Lucifer e Bayocco não correram.

Os 1450 metros do 4º pareo foram disputados por Talisman, Sans-Souci e Sylvia II que bateu com facilidade os seus competidores, percorrendo o tiro em 99 segundos. Coube o 2º logar a Sans-Souci. Talisman fez má figura por não estar apurado. Pery não correu.

No 5º pareo (1450 metros) sahiu vencedora em 98 segundos Sibylla, tendo soffrido um pequeno susto que pregou-lhe Diva (montada por Hinds) obrigando-a a esticar-se. Carmen continua a dar desgostos a seu proprietario.

No 6º pareo (1609 metros) correram Malstron, Bolivar, Taillefer e Creusa, que deixando-se ficar de alcance e aproveitando a terrível lucta que travaram Bolivar e Taillefer, conseguiu ao virar a recta de chegada travar nova lucta com o valente Taillefer e sahir vencedora em 106 segundos, contra a espectativa geral, mostrando ser um animal superior e de futuro. Coube o 2º logar a Taillefer. Malstron não se esforçou

por ter mancado durante a corrida. Damietta não correu.

O ultimo pareo (1000 metros) foi ganho com toda a facilidade pelo veloz Aymoré, em 72 segundos, seguido de Savana. Zaire ainda d'esta vez não quiz atirar ao alvo. Tambem correram Serodio, Pampeiro, Didi, Verbena e Zizaina.

Realizam-se amanhã corridas no Prado Villa Isabel. E' de esperar grande concurrencia, pelo esplendido programma que deverá atrahir muitos dilettantes.

Chamamos a attenção dos amadores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o excellente programma, que necessariamente é digno de nelle se palpar a vontade. Meditem, pensem, estudem e acertem. Eis o que desejamos.

L. M. BASTOS

## O ENFERMO

Para o triste doente a chaven de salsaparilha com leite, que todas as manhãs lhe trazia á cama a carinhosa esposa, tinha o mesmo aspecto cruel que poderiam ter antigamente para o supplicado os instrumentos de tortura da Inquisição.

E se fosse só aquillo! mas era tambem o sublimado corrosivo, e mais o xarope de Ricord... enfim, o diabo em pilulas, em xaropadas, em unguentos, em mil formas enfastiantes! Mas como tudo isto era-lhe ministrado para que lhe voltasse a saude, que remedio se não resignar-se?!

Causava horror o vel-o!

Um dia, para desentorpecer as pernas, sahiu a dar um pequeno passeio, e, ao passar em frente á *Alfaiataria Estrella do Brazil*, á vista do aspecto imponente da grande officina, lembrou-se de entrar e mandar fazer um terno de casimira. Em boa hora o fez, pois que desde que enfiou no corpo a fatiota, que ficou-lhe ao pintar, começaram a desaparecer-lhe as empignas, o rheumatismo que lhe roia os ossos, enfim, uma bella côr rosada substituiu-lhe a cor oleosa do rosto escaveirado e elle tornou-se inteiramente outro homem, com um appetite capaz de engulir um boi pelas galhadas.

Depois d'isto acho que não andará mal avisada a Junta de Hygiene se aconselhar aos doentes que mandem aviar as receitas de seus medicos na bem conhecida Alfaiataria e se aconselhar aos medicos que formulem assim as receitas para os seus doentes:

TOME

Uso externo:  
Soluçãõ de cheviot—quanto baste para cobrir um par de gambias.

Emplasto de casimira inglesa com 6 botões—á formula—para comprimir o thorax.

Elasticotine. . . . . 1 metro e tanto.

Botões. . . . . 30

Misture, e enfe o terno.

DR. FULANO

Experimente, quem precisar, da receita e verá que não o enganou o

BARÃO RÉCLAME

## FACTOS E NOTICIAS

OLEO VELOCIFERO PARA MACHINAS  
Do Sr. J. J. G. Borlido, fabricante, recebemos uma lata do *Oleo Velocifero* de sua invenção, destinado á lubrificação de machinas.

Não tivemos ainda occasião de fazer experiencia d'este novo producto da industria nacional, que, entretanto, nos parece excellente, pela sua cor brilhante e qualidades unctuosas.

Accresce que o Sr. Borlido vende o seu oleo por preço inferior ao dos productos congeneres estrangeiros.

Ao digno fabricante agradecemos a lata com que nos presenteou, e, depois de procedermos á necessaria experiencia, daremos a nossa opinão.

O «PACHIDERME»

Os Srs. Roude e Aluizio levaram antehontem a algumas folhas diarias, inclusive o *Jornal*, a seguinte declaração, que foi hontem publicada na secção paga das ditas folhas:

« O CABOCLO » E « O DRAMA NOVO »

A nosso pedido, a empresa dramatica dirigida pelo applaudido actor Dias Braga vai levar á scena do seu theatro, com preferencia a outra qualquer peça, *O Drama Novo* de Manoel Tamayo.

Assim crenos ter respondido á *Gazeta da Tarde* e á *Evolução*.

Veja-se na *Semana* de amanhã o artigo que ahi apparecerá com o mesmo titulo d'este.

EMILIO ROUEDE.  
ALUIZIO AZEVEDO.»

Sabem o que fez o *Jornal*, o famigera dissimó *Pachiderme*? Publicou a declaração, mas cortando-lhe o ultimo periodo, sem o consentimento dos auctores d'ella. Nem mesmo nos *A pedidos* consente o bruto que se faça uma referencia á *Semana*, a não ser para offendel-a.

Naturalmente achou aquillo *réclame* e não quer fazer-nos *réclame* nem nos *A pedidos*!

Como é pequenino este immenso mastodonte!

RECEBEMOS

— Dos Srs. H. Nicoud & C., os activissimos e pontualissimos agentes de jornaes estrangeiros: *La revue bleue*, de 20 de março, e *Le Printemps* e *Le salon de la mode*, de 16 de abril aquelle e de 10 de abril—este. Isto é que é andar ligeiro! Quem quizer ler hoje os jornaes de depois d'amanhan dirja-se ao *Petit Journal*.

— *Casuarinas*, poesias de C. A. Miller. Depois falaremos.

— *Corriere di Roma*. Dezembro, 36. Este numero é todo em honra á Duse-Chechi—homagem brilhantissima a este scintilante talento dramatico—cujas encomios deveriam ser feitos com uma adjectivação tecida de fagulhas de estrellas, coruscações de sóes e purpuras de alvoradas. Vem enriquecido de finas gravuras, representando a sublime artista nos papeis com que tem maravilhado as platéas dos paizes que tem tido a ventura de fitar, deslumbrados, est: brilhantissimo astro do palco. Traz, alem de bellos trechos em prosa e de varios sonetos primorosos, uma esplendida e longa poesia de G. A. Curcio, intitulada: *Alla Duse*.

Nós, que já sentimos a delicia de sua voz enthusiasadora e sympathica, possuimos de verdadeiro jubilo vendo os lo ivores moreldissimos com que a luminosa Roma aureolou o nome de sua dilecta e insigne artista. Nunca é demasiado o preito que se rende ao verdadeiro genio.

ANNUNCIOS

Portuguez, francez e Inglez  
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

CLUB BEETHOVEN

ACADEMIA DE MUSICA

A directoria do Club Beethoven pelo presente faz publico que, attendendo á conveniencia de alargar-se a esphera da arte musical e de dar maior impulso ao estudo e á execução das composições dos grandes mestres antigos e modernos, resolveu abrir um curso gratuito, no edificio do Club, com o titulo de *Academia de Musica*, para alumnos, que de outro modo não possam adquirir uma educação sa e solida de musica.

Esta Academia, modelada pelas da Europa, fica sob a direcção do Sr. R. J. Kinsman Benjamim, vice-presidente e director dos concertos do Club, auxiliado pelo corpo docente abaixo mencionado.

Os Srs. paes, que quizerem matricular os seus filhos, devem dirigir-se pessoalmente ou por escripto ao mesmo Sr. director, que lhes fornecerá as explicações necessarias.

Não se requer nenhum estudo anterior de musica. Os alumnos devem ser do sexo masculino, maiores de 9 annos, e possuir o ensino de primeiras letras.

A data da abertura das aulas será annunciada.

Os alumnos terão entrada livre em todos os concertos do Club.

A matricula fica aberta desde o dia 10 do corrente em diante, das 8 ás 10 da noite, na secretaria do Club—n. 62, rua da Gloria.

CORPO DOCENTE

Aula de violino.....	Sr. Otto Beck.
» de viola.....	» Luiz Gravenstein.
» de violoncelo.....	» Frederico Nascimento.
» de contrabaixo.....	» J. Martini.
» de piano-forte.....	» Arthur Napoleão.
» » » .....	» Alfredo Bevilacqua.
» » » .....	» J. Queiroz.
» » » .....	» R. Eichbaum.
» » » .....	» P. Faulhaber.
» » » .....	» A Nepomuceno.
» de flauta.....	» Aug. Duque Estrada Meyer.
» de clarineta e fagote.....	» Domingo Miguel.
» de trompa.....	» J. R. Cortes.
» de acompanhamento.....	» A. Lebreton.
» de canto.....	» Gustavo Morretti.
» de solfejo.....	» J. R. Cortes.
» de composição, harmonia e contra-ponto.....	» Leopoldo Miguez, V. Cernicchiaro e Paul Faulhaber.
» de quartetto, cõro e ensemble.....	» Otto Beck.

Rio de Janeiro, 3 de Abril de 1886—C. de Ninimbu Junior, 1º secretario.



OLEO VELOCIFERO

cuidadosamente preparado de substancias puramente animaes para ser usado no machinismo o mais delicado, como podem certificar os innumerados estabelecimentos que d'ella fazem uso. Preço rezumido em relação a todos os outros conhecidos. Depois de experimentadas e reconhecidas as suas vantagens, será geralmente preferido a qualquer outro.

Limitando o nosso interesse a uma modica commissão, os preços dos demais generos que constituem o nosso ramo especial de negocio são extremamente vantajosos, podendo garantir que, em egualdade de circumstancias não temos competidor.

DEPOSITO GERAL

21 Rua do Rosario 21

PHENIX DRAMATICA

EMPRESA DRAMATICA—DIRECÇÃO SCENICA

DO  
ACTOR GALVÃO

HOJE

Sabbado, 10 de Abril de 1886

GRANDE SUCCESSE

9ª representação da grandiosa peça sacra em quatro actos e oito quadros, toda ornada de musica, visualidades, tramoias, de Braz Martins, intitulada

OS MILAGRES

DE

SANTO ANTONIO

TOMA PARTE TODA A COMPANHIA

Scenarios, vestuarios e adereços tudo novo e deslumbrante. Coros a 80 vozes. Marchas e harmonias ensaiadas a capricho pelo maestro Celestino.

Numeroso pessoal de comparsaria sob a direcção do Sr. Basilio.

Toda a imprensa é unanime em elogiar o desempenho e o luxo com que achase montada esta peça.

PREÇOS—Camarotes 6\$; cadeiras numeradas, 1\$; entradas geraes, 500 rs.

Às 8 horas da noite

Amanhã, domingo, 11 de Abril.

10ª REPRESENTAÇÃO DE

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

# PRADO VILLA-ISABEL

## PROGRAMMA

### DA QUINTA CORRIDA A REALISAR-SE

DOMINGO 11 DE ABRIL DE 1886

AO MEIO DIA EM PONTO

Primeiro pareo—CRIADORES 1.450 metros—Animaes de meio sangue, até 3 annos—Premios: 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo.

Ns.	NOME	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Verbena.....	Castanho....	3 annos	R. de Janeiro.	46 kilos	Ouro e faixa.....	Coul. Santa Cruz.
2	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e encarnado.....	Carlos Coutinho.
3	Buchinha.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	46 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas Geraes	48 »	Grena te manchas azues....	J. F. Vaz.
5	Guacho.....	Chita.....	2 »	R. G. do Sul.	45 »	Preto, branco e bonet azul.	A. M.
6	Celta.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	48 »	Azul e ouro.....	R. da Silva.

Segundo pareo — ENSAIO — 1.450 metros — Animaes nacionaes até 3 annos, que ainda não tenham ganho—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Catana.....	Douradilho..	3 annos	S. Paulo.....	46 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Aurora.....	Alazão tost...	3 »	Idem.....	46 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Araby.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	48 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
4	Carmen.....	Idem.....	3 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e grénat.....	H. O.
5	Scalchi-Lolli.....	Zaino.....	3 »	R. de Janeiro.	46 »	Ouro, encarnado e faixa....	D. A.
6	Peralta II.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	48 »	Preto, branco e encarnado..	C. P.

Terceiro pareo — EXPERIENCIA — 1000 metros. Eguas de qualquer paiz—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	La Linda.....	Castanho....	5 annos	Rio da Prata.	58 kilos	Geranium e ouro.....	J. V.
2	Pansy.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	48 »	Cereja, verde e amarello...	R. M.
3	Victoria.....	Idem.....	2 »	Inglaterra....	48 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
4	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Madama.....	Castanho....	3 »	Idem.....	53 »	Azul, branco e encarnado..	Cruzeiro.
6	Charybades.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.

Quarto pareo — ANIMAÇÃO — 1.450 metros — Animaes nacionaes até meio sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 130\$ ao segundo.

1	Africa.....	Preto.....	7 annos	Paraná.....	53 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. N.
2	Nicoafi.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Azul e branco.....	J. & P.
3	Guanaco.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	54 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
4	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e grénat.....	H. O.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	53 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Zaire.....	Gateado....	4 »	Paraná.....	43 »	Encarnado e azul.....	J. C.
7	Aymoré.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	53 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
8	Mandarim.....	Rosilho.....	3 »	Idem.....	50 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraizo.

Quinto pareo — SUBURBANO — 1.609 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo.

1	Neva.....	Castanho....	3 annos	França.....	51 kilos	Verde e amarello.....	Coul. Independencia
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Coupon.....	Idem.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Bolívar.....	Castanho....	6 »	Idem.....	61 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	Idem.....	43 »	Havana e branco.....	Idem.
6	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	49 »	Grénat e ouro.....	Coud. Luso-Platense.

Sexto pareo — METROPOLITANO — 1.800 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo.

1	Macaréu.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria S. Cruz.
2	Sans-Souci.....	Castanho....	5 »	Minas Geraes	51 »	Azul e grénat.....	H. G.
3	Tatiman.....	Alazão.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Sylvia II.....	Alazão tost...	4 »	Idem.....	53 »	Idem.....	Idem.

Setimo pareo — VILLA-ISABEL — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.

1	Africa.....	Preto.....	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
2	Biscaia.....	Alazão tost...	3 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Nicoafi.....	Castanho....	3 »	Paraná.....	50 »	Azul e branco.....	J. & P.
4	Aranha.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
5	Dinorah.....	Castanho....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
6	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
7	Pretoria.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Azul e crème.....	A. C.
8	Yampa.....	Castanho esc.	3 »	Rio Grande..	50 »	Grénat e manchas azues....	Coudelaria Paraizo.
9	Yoon.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	50 »	Preto, branco e encarnado..	C. P.

OBSERVAÇÕES.—Principiando ao meio-dia em ponto as corridas, serão excluidos os animaes inscriptos no primeiro pareo, que ás 11 horas precisas não estiverem no ensilamento. RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.